

## SER MULHER E PROFESSORA E O PROCESSO DE ENSINO EM MEIO A PANDEMIA: IDENTIDADES ENTRELAÇADAS.

Cintia Cardoso da Silva <sup>1</sup>

Profa. Dra. Lygia Socorro Sousa Ferreira <sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho traz reflexões sobre o período atual de pandemia, evidenciando através do relato de cinco professoras os desafios enfrentados na atuação com o ensino híbrido. Quando pensamos nesses desafios eles aumentam para mulheres que são mães, esposas, namoradas, uma vez que o ensino híbrido transpõem o ambiente escolar, adentra o espaço de suas casas, não havendo nesse momento a identidade somente de professora, mas o entrelace entre as diferentes identidades dessas mulheres. Nesse sentido, a pesquisa reflete como essas educadoras estão lidando com isso. Levando em conta esse contexto, o objetivo deste trabalho foi investigar quais as principais dificuldades enfrentadas por professoras do ensino fundamental I com o ensino híbrido e como tem afetado as identidades dessas docentes. Para investigar isso, foram entrevistadas cinco professoras, através de um questionário online, respeitando o período atual de distanciamento. As respostas das educadoras nos possibilitaram compreender que o ensino híbrido é um grande desafio, afetando as educadoras de diferentes formas.

**Palavras-chave:** Professoras, Ensino híbrido, Identidades, Pandemia.

### INTRODUÇÃO

Esse trabalho surge das inquietações de uma pedagoga recém formada que adentrou ao cenário educacional em momento de pandemia, enfrentando os diferentes desafios existentes no que envolve ser professora e o ensino híbrido, destacando as extensas jornadas de trabalho e a pouca remuneração. Em contrapartida, no momento atual que se passa no Brasil, professores são taxados como vagabundos por não estarem nos ambientes presenciais, entretanto enfrentando as dificuldades de rotinas de trabalhos árduas nos ambientes digitais que pouco são reconhecidas socialmente.

---

<sup>1</sup> Graduada no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Pará - UEPA, [cintiacardoso79@gmail.com](mailto:cintiacardoso79@gmail.com);

<sup>2</sup>Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), [lys.souffer@gmail.com](mailto:lys.souffer@gmail.com).

Essa problemática se amplia principalmente para as mulheres que exercem a profissão de docentes, pois no momento atual exercem triplas jornadas de trabalho no ambiente presencial, virtual e em sua casa, através das funções domésticas e da maternidade. Nesse sentido, vimos como necessidade dar voz a essas educadoras.

Nesse contexto, a pesquisa teve como objetivo investigar: Quais as principais dificuldades enfrentadas por professoras do ensino fundamental I no ensino híbrido e como tem afetado suas identidades. As docentes entrevistadas são mulheres que atuam no ensino fundamental de uma escola particular da cidade de Belém, no atual momento pandêmico e que se encaixam no perfil da pesquisa, mulheres casadas ou com algum relacionamento, mães e que atuam como principal no trabalho doméstico em suas casas.

As ideias defendidas neste trabalho de identidade partem das ideias de Hall (2006) de que a identidade é híbrida, apontando que um mesmo indivíduo pode ter diferentes identidades dependendo do ambiente que está inserido. Partindo disso, será levado em conta as narrativas das docentes as diferentes identidades que as mesmas exercem e como elas são afetadas no atual período.

Partimos também das concepções da autora Louro (2010) de que ser mulher é demarcada pela identidade de gênero, no entanto essa identidade perpassa também as compreensões de raça, classe, religiosidade e etc.

Destacamos também o período atual de pandemia causado pelo vírus coronavírus que afetou diretamente a vida de todos os trabalhadores, dando destaque aos professores nesse trabalho, que tiveram como principais ferramentas os ambientes digitais e novas modalidades como o ensino híbrido.

Nesse sentido, para verificar esse contexto, foi feita uma pesquisa qualitativa, investigando as percepções das professoras através de um questionário de respostas abertas, com o intuito de que escrevessem sobre suas experiências. Através do questionário e da entrevista, foi perceptível que o ensino a híbrido ou a distância é um grande desafio para as educadoras.

A metodologia da pesquisa parte de uma análise qualitativa por lidar com pessoas e investigar seus pontos de vista sobre suas realidades. Conforme Guerra (2014) na análise qualitativa o pesquisador pretende compreender o indivíduo, os grupos, os aspectos que influenciam, parte da perspectiva do participante, sem preocupação com as representações numéricas e estatísticas.

Para entender essa realidade foi necessário fazer uma pesquisa de campo, possibilitando como aponta Severino(2007) verificar o que acontece no ambiente natural em que os fenômenos ocorrem, sem interação e manuseio do pesquisador.

Para compreender essa realidade em que as docentes estão inseridas foi aplicado um questionário aberto e entrevista. Essa forma de pesquisa possibilita, segundo Zanella (2013) atingir um número maior de pessoas, pois pode ser mandado por email, possibilitando também preservar o anonimato das pessoas, contribuindo para uma maior liberdade nas respostas.

Para compreender as respostas coletadas escolhemos como método de análise a análise de conteúdo onde Severino(2007) mostra que é uma forma de tratamento da e análise das informações podendo analisar as diferentes linguagens: escritas, orais, imagens, gestos. Analisar de forma crítica o que foi manifestado, essencial para entender as práticas humanas.

## **DESAFIOS ENFRENTADOS POR PROFESSORES NO PERÍODO DA PANDEMIA .**

No dia 11 de março de 2020 o Brasil deparou-se com a pandemia do novo coronavírus (Sars-Cov-2) declarada oficialmente, mudando drasticamente a realidade de todos os setores sociais, incluindo o setor educacional. Com o advento da pandemia causada pela COVID-19 os profissionais da educação sofreram um grande baque, uma vez que a educação, como apontado pelo autor Palú(2020), tem sérias insuficiências uma delas é o restrito acesso aos recursos tecnológicos.

Apesar da sociedade ter um grande acesso às tecnologias digitais e ao processo de receber e produzir conteúdo, o cenário educacional ainda se encontra em grande déficit no que envolve utilização de tecnologia no processo de aprendizagem. No entanto, com a pandemia todos tiveram que adentrar de forma obrigatória a esse espaço digital, principalmente os sujeitos do processo educativo: professores e alunos.

O professor adentrou a uma novas modalidades de ensino, sem muitas vezes ter condições de internet, formação e meios tecnológicos como mostrado na pesquisa da Nova Escola (2020). Segundo o autor Palú(2020), esse processo de maior contato com

as novas conexões e conteúdos midiáticos como também ferramentas, ocasionou no professor uma transformação cultural.

Em meio a sociedade de rede, professores tornaram-se produtores de conteúdo digital, conhecedores de aplicativos e novas formas de ensinar tentando suprir as necessidades impostas pela sociedade. Ao voltar uma parcela das escolas ao ensino presencial no ano de 2021, principalmente as particulares, o ensino híbrido se inseriu como possibilidade, principalmente o ensino que articula do presencial ao online nos ambientes escolares.

Quando discutimos sobre ensino híbrido, Bacich (2015) considera o ensino híbrido com algo misturado ou mesclado, para ele não é somente a utilização da tecnologia como é discutido atualmente, é muito mais amplo refere se aos vários tipos de misturas que podem ser feitas na educação como saberes, áreas do conhecimento, metodologias, projetos que podem fazer parte do ensinar. Como o próprio autor aponta, "híbrido é um conceito rico, apropriado e complicado." (BACICH, 2015).

Esse mesmo autor mostra que a ideia de ensino híbrido refere se que não há uma única forma de ensinar e aprender, a aprendizagem pode ocorrer de diferentes formas. Neste trabalho, damos destaque ao ensino híbrido conceituado como aquele que é uma convergência entre o modelo presencial (aquele que ocorre em sala de aula) e o modelo online ( que utiliza tecnologias digitais). (BACICH, 2015).

O ensino híbrido era visto como uma possibilidade futura de avanço no que envolve o entrelace entre educação e tecnologias como mostrado por Miranda (2020) , ainda era distante da realidade das escolas, entretanto, com a pandemia de COVID19 esta forma de ensino tornou se uma realidade que pegou muitos profissionais despreparados.

Entretanto essa realidade adentrou a vida dos professores trazendo inúmeros desafios, uma pesquisa feita pela Nova Escola( 2021) aponta que um dos principais problemas para os professores envolve a falta de retorno dos alunos, insatisfação da famílias, falta de formação, muitas horas trabalhadas e a dificuldade de conciliar atividades profissionais e domésticas.

Quando pensamos na realidade dos professores, a mesma pesquisa da nova escola (2020) mostra que a questão de gênero se faz necessária debater uma vez que 85% da classe é formada por mulheres. É destacado na pesquisa relatos de preocupação com dupla jornada, e a dificuldade de conciliar as atividades domésticas com as profissionais e de estar com os filhos e suas atividades escolares.

## UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA IDENTIDADE DA MULHER

Historicamente a identidade da mulher” foi construída a partir da ideia de feminilidade, na qual era atrelada algumas características que eram tidas como naturais, como apontado por Barbosa e Coutinho (2012) ligadas a delicadeza, a dedicação ao servir, ao educar, ao cuidar dos filhos e do lar.

Essa identidade é demarcada pelas diferenças biológicas e sociais, que divide os sujeitos e define seus papéis. Nesse sentido, Moraes e Prudkin (2019) apontam que a identidade tanto da mulher como do homem “provém de uma base social e cultural, adquirida através da socialização.” (p.95).

Assim, ao nos refletirmos neste trabalho ao ser mulher e a uma identidade atribuída a ideia de mulher, destacamos a discussão de gênero, pois ela é um dos principais determinantes do ser mulher e homem em nossa sociedade. Para maioria dos indivíduos, gênero está atrelado a ideia de sexo, termos tão próximos e que influenciam diretamente a vida dos sujeitos. Segundo Lima (2017) gênero refere às representações culturais, assim como os valores e atribuições que um indivíduo tem na sociedade. Já sexo refere as características físicas e anatômicas que diferenciam homens e mulheres.

Em nossa sociedade, a ideia de sexo é atrelada a ideia de gênero o que ocasiona que pessoas que nasceram como mulheres ou homens desempenhem determinados papéis sociais, nos quais são ensinados socialmente. Esse tipo de construção parte de uma educação sexista, que comumente se estabelece nas sociedades, através de relações de poder, como defendido por Lima (2017).

Em nossa sociedade há uma forte ligação entre as diferenças entre homens e mulheres, ou seja, suas atribuições sociais que demarcam nossa história colocando sempre a mulher em posições inferiores ou de submissão. Nesse sentido, como aponta Louro (2000) podemos afirmar que as relações de gênero são estabelecidas em cima de relações de poder e dominação do gênero masculino.

No entanto, como já explicado, gênero refere-se a uma construção social, não havendo assim uma determinação sobre o ser mulher como mostrado por Ribeiro (2010) “O que pensamos como comportamento típico de mulher ou de homem não é ditado biologicamente, mas socialmente construído. (p.67). Nesse sentido, conforme as

sociedades modificam-se, as compreensões sobre essa identidade da mulher modificam-se também.

Nesse sentido, quando pensamos sobre a identidade da mulher, entendemos que é uma construção social que historicamente é demarcada com determinadas características e atribuições. Perrot (1989) mostra que as mulheres ao longo dos tempos pouco aparecem nos registros da história, não sendo atribuído a ideia de sujeito, mas sim uma categoria indistinta.

As mulheres foram atribuídas à ideia de um ser sem identidade própria, ligado diretamente a características comuns de todas as mulheres: a maternidade, os dons para o cuidado do lar e do marido, assim como aos cuidados consigo. Assim, quando pensasse sobre a identidade da mulher, era tida socialmente como algo coletivo como mostrado por Perrot (1989): “Elas se detém pouco sobre mulheres singulares, desprovidas de existência e mais sobre “a mulher”, entidade coletiva e abstrata, a qual se atribuem as características habituais.” (p.11).

A figura feminina foi construída historicamente com as ideias destacadas por Barbosa e Coutinho (2012) de uma natureza feminina que gira em torno do cuidado da família e do lar, a famosa figura da rainha do lar, um ser que tem responsabilidades importantes no que se refere somente ao espaço doméstico.

Os mesmos autores mostram que com os anos 60 e 70 ocorreu uma revolução perante as visões de gênero, destacando que não haveriam papéis destinados para homens ou para mulheres, a sociedade é que impõem e regula o tempo, espaço de todos os indivíduos. (LIMA, 2017).

Esse marco possibilitou que para as mulheres se ampliassem as oportunidades e assim ocorrendo modificações de suas identidades, não somente ela vinculada ao lar, mas também ao mercado de trabalho e aos direitos civis. Assim, configurava-se a identidade da mulher, não sendo-lhe atribuída somente a uma identidade coletiva, uma identidade individual. Assim, uma mulher pode ter diferentes identidades, pois encontra-se inserida em diversos contextos. O que Louro (2000) afirma: “Somos sujeitos de muitas identidades (...) Somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes.” (p.9).

Destacamos a partir das percepções de Hall (2006) que a identidade encontrasse em uma variedade que envolve (gênero, raça, etnia, classe social, nacionalidade, ideologia, profissão etc.) , não cabendo mas nos indivíduos uma identidade homogênea, surgindo assim, indivíduos com diversas identidades.

Segundo Louro(2000), essas identidades são distintas e múltiplas e ocorrem a partir das situações e instituições ou agrupamentos que um indivíduo possa está inserido. Assim, quando pensamos nas diversas identidades vivenciadas pelas mulheres, sabemos que as influências históricas ainda estão presentes, vinculando a mulher à ideia da maternidade e ao cuidado do lar. Entretanto, atualmente esta também é influenciada pela identidade que desempenha no mercado de trabalho, dando destaque nesse trabalho a identidade de professora.

Nos tempos atuais com o advento da pandemia, ocorreram conflitos entre horas trabalhadas e o contexto dos trabalhos domésticos e cuidados do lar e dos filhos se fizeram presentes para muitas educadoras, ocorrendo um entrelace nas identidades que neste momento não estão presas a lugares físicos, ocorrendo que mais do nunca as identidades das mulheres tornam-se híbridas (HALL, 2006).

No entanto, esse hibridismo proporciona um problemática para essas mulheres como apontado por Lima (2017) essas mulheres são impostas a uma dupla ou tripla jornada de trabalho sem o reconhecimento social e salarial. Segundo a autora a mulher ao desempenhar uma tripla jornada a rotina torna-se um corre corre para tentar dar conta de tudo, não havendo comumente a separação dos limites para diferentes tempos e espaços.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Na presente pesquisa foram entrevistadas cinco professoras do ensino fundamental de idades de 21 a 45 anos de idade. As professoras têm diferentes tempos de atuação no campo da educação, algumas cerca de 1 ano, enquanto outras 20 anos. Todas não tinham experiência com ensino híbrido. As docentes têm o perfil de estarem em relacionamentos e algumas são mães, apontando terem dupla/ tripas rotinas após o trabalho na escola.

As professoras atuam em um colégio da rede privada de Belém, localizado em um bairro de classe média. A escola em que atuam não apresenta estruturas no que envolve o ensino híbrido, faltando equipamento técnico e formação adequada às educadoras.

Para coleta de dados foi repassado um questionário aberto para que respondessem com o objetivo de verificar suas percepções sobre o tema da pesquisa. No presente trabalho as professoras não foram identificadas com seus nomes, mas sim, com nomes de mulheres importantes da história, como forma de preservar suas identidades. Assim, serão identificadas como: Marielle, Dilma, Olga, Carolina, Frida. As professoras foram

submetidas a algumas perguntas e suas respostas foram sistematizadas e analisadas a partir da análise de conteúdo.

As docentes foram questionadas sobre as principais dificuldades com o ensino híbrido, percebemos que suas dificuldades eram diversas, variando entre a participação dos alunos como o caso de **Marielle e Dilma**, como também outros problemas como assistência aos alunos online e presenciais o que destaca a docente **Olga**. A docente **Carolina** aponta que considera cansativo ficar presencial e online ao mesmo tempo. Já a docente **Frida** aponta que não se sentia preparada para o ensino híbrido e não recebeu a estrutura adequada da escola.

Ao serem questionadas “De que forma o espaço da sala de aula se estende ao espaço residencial”, somente a educadora **Marielle** respondeu que não se estendia ao seu ambiente residencial. As outras educadoras apontam que se estendia com gravação de aulas e vídeos prejudicando principalmente no horário em que deveriam estar fazendo outros afazeres.

As educadoras foram questionadas sobre o que o ensino híbrido tinha afetado em suas rotinas em ser mãe, esposa, namorada e em seus cuidados e relação consigo mesmas, a educadora **Marielle** respondeu que não afetou sua rotina. Já as educadoras **Dilma** e **Frida** apontam que ocorreu uma flexibilidade nos horários no contatos entre pais e até mesmo de alunos com as professoras fora do horário escolar de trabalho, prejudicando as educadoras que estão em seus momentos particulares, considerando isso prejudicial. Essa visão deixa claro que a identidade de professora no momento do ensino híbrido é uma identidade constante, uma vez que se espera que essa sempre esteja disposta a atender os pais e alunos.

A educadora **Olga** expressa que as aulas demoram muito tempo a serem feitas, o que ocasiona que trabalhe em feriados e fins de semana, o que afeta toda sua rotina. A educadora **Carolina** sente-se fragilizada pois acredita como ela própria expressa ser “barroca” no que envolve a tecnologia, necessitando de um tempo maior para aprender.

Ao serem questionadas se trabalhavam além das horas estabelecidas em suas carteiras, grande maioria das professoras apontou fazer trabalhos fora do ambiente de trabalho e se queixam que de seus salários diminuíram com o período da pandemia, o que desestimulava uma parcela das professoras.

Percebemos que esse período extra de trabalho influenciou diretamente as tarefas domésticas e tarefas das professoras em suas casas, exceto a docente **Marielle** que aponta:



“não foram afetadas”. No entanto, as outras docentes apontam que tinham que fazer o trabalho doméstico acumulado no final de semana, pois nos dias de semana mesmo estando fora da escola, dedicavam seus horários de descanso e afazeres gravando e planejando aulas.

Por fim, perguntadas quais as principais adaptações feitas em sua rotina como mulher/esposa/ mãe para adaptar-se ao ensino híbrido ou gravação de vídeos, a docente **Marielle** aponta que “tive que montar uma nova rotina”. Algo que resume também a fala das outras docentes que tiveram que adequar seus afazeres. **Dilma** manifesta que seu namorada é também professor e entende suas dificuldades para dar atenção a ele, pois passa pela mesma situação, no entanto tentam tirar um tempo de descanso. A docente **Olga** aponta que foi preciso “reajustar meu tempo e dividi-lo muito mais para o trabalho”. A docente **Carolina** aponta que teve que “criar horários para fazer os vídeos e planejar aulas com antecedência”. Por fim, a docente **Frida** queixa-se de que deixa de dar atenção à sua família para fazer suas funções de professora.

Percebemos que com a pandemia foi exigido das professoras adaptações sobre as rotinas e o entrelace entre suas identidades ocorrendo o que Hall (2006) aponta como uma identidade híbrida, que está em constante conflito, sendo nesse contexto prejudicial ao ponto de vista das educadoras, pois ocorre um acúmulo de trabalho e ocorrem a extensão de horas trabalhadas e a sobrecarga de trabalho.

As educadoras mostram que as dificuldades ao ensino híbrido estão ligadas diretamente a falta de estruturas, preparo e falta de experiência com essa nova modalidade de ensino, como também a participação dos alunos, o que exigiu necessariamente mudanças em suas rotinas para se adaptarem a essa nova forma de ensinar.

É relevante destacar que a identidade de professoras/ mães/ esposas e namoradas no período atual estão híbridas, pois é exigido que elas atendam pais e responsáveis mesmo após os horários de trabalho, o que ocasiona em cansaço pois o trabalho se estende e ocorre em horários que deveriam ser dedicados às tarefas pessoais ou mesmo ao descanso. É relevante destacar a compreensão da família das educadoras, como ocorre na fala de Dilma, pois o tempo das educadoras comumente é deixado ao trabalho, necessitando ter uma compreensão de todos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho traz uma realidade que se fez presente no período atual de pandemia do corona vírus, pandemia na qual modificou as formas de ensinar, uma vez que o distanciamento fez-se necessário como um cuidado a saúde, assim áreas que lidam com pessoas como a educação necessitaram se reinventar.

Nesse trabalho demos destaque aos docentes que tiveram que se adequar a novas formas de ensinar, utilizando os ambientes digitais e modalidades de ensino híbrido, apesar das escolas não dando a estrutura, qualificação e remuneração que fossem adequadas. As professoras entrevistadas são o reflexo de um grupo que é atacado e oprimido duas vezes mais, pois além de serem mulheres e sofrem com todas as imposições de gênero e o machismo, são professores e sofrem com a desvalorização social e salarial.

As docentes trazem visões sobre essa identidade da professora no ensino híbrido que associam a ideia de serem dedicadas, pacientes, guerreiras, um cumpridoras de funções eficazes e bem feitas, no entanto a expressão da professora Carolina apresenta algo que poucos expressão: uma identidade desgastada fisicamente. Nesse sentido, é necessário uma maior atenção às professoras de nosso contexto, pois estas tiveram mudanças drásticas em suas práticas e mesmo assim não ocorreu a valorização nem das escolas, famílias ou sociedade.

## REFERÊNCIAS

AVILA, Rebeca Contrera. Portes Écio Antônio. **A tríplice jornada de mulheres pobres na universidade pública: trabalho doméstico, trabalho remunerado e estudos.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis: 2012. Disponível em: <[SciELO - Brasil - A tríplice jornada de mulheres pobres na universidade pública: trabalho doméstico, trabalho remunerado e estudos](#) A tríplice jornada de mulheres pobres na universidade pública: trabalho doméstico, trabalho remunerado e estudos > Acesso em: 05/06/21

BACICH, Lilian.et al. **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação.** Porto Alegre: Penso, 2015.

BARBOSA, Patricia Zulato, COUTINHO, Maria Lúcia Rocha. **Ser mulher hoje: a visão de mulher que não desejam ter filhos.** Scielo: psicologia e sociedade, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/4gj5xxSFGxWmzmWBq3r534Q/?lang=pt>

ESCOLA, nova. **A situação dos professores no Brasil durante a pandemia**. Acesso em: <<https://www.andes.org.br/diretorios/files/renata/junho/ne-pesquisa-professor-final-1.pdf>> Acesso em: 23/06/2021

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual de pesquisa qualitativa**. Anima educação: Belo Horizonte, 2014.

LIMA, Flaviane Izildro Alvez de. **A influência da construção de papéis sociais de gênero na escolha profissional**. Revista Brasileira de Psicologia. Araraquaria, 2017.

LOURO, Guaciane Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2 edição Autentica: Belo horizonte, 2000.

MIRANDA, R.V. et al. **Ensino Híbrido: Novas Habilidades Docentes Mediadas pelos Recursos Tecnológicos**. EaD em Foco, V10, e913. 2020.

MORAES, Talita de Cenci. PRUDKIN, Gonzalo. **O ser mulher e ser homem no blog testosterona**. Revista Uninter de Comunicação. Paraná: 2016.

PERROT, Michelle. **Práticas da memória feminina**. Revis. de história: São Paulo, 1989.

RIBEIRO, Silvana Mota. **Do outro lado do espelho: imagens e discursos de gênero nos anúncios das revistas femininas, uma abordagem sociosemiótica visual feminista**. Universidade de Minhos, 2010.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA E CELESTINO. **Reflexões em torno das narrativas das professoras sobre si: diante do espelho**. 2018 Disponível em: [bd992416-91ab-43a7-afe1-c93b70f5a530 \(ufpe.br\)](https://bd992416-91ab-43a7-afe1-c93b70f5a530.ufpe.br) Acesso: 05/06/2017.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de pesquisa**. Florianópolis: departamento de ciências da administração. UFSC, 2013.